

PASTAGENS PISOTEADAS E ÁGUAS POLUÍDAS.

Reflexões a partir de Ez 34,17-22

Ludovico Garmus

“Fraternidade e água – Água, fonte de vida” é o tema da Campanha da Fraternidade de 2004, promovida pela CNBB e o Conic. Aproveitando o ensejo, trazemos aqui algumas reflexões sobre este importante tema, a partir de um sugestivo texto do profeta Ezequiel.

1. A denúncia de Ez 34,17-22

“¹⁷Quanto a vós, minhas ovelhas, assim diz o Senhor Deus: Julgarei entre uma ovelha e outra, entre carneiros e bodes. ¹⁸Não vos bastou pastar na viçosa pastagem para ainda pisotear com as patas o restante de vossos pastos? Beber água cristalina e turvar com os cascos o resto das águas? ¹⁹Assim minhas ovelhas devem pastar o que pisoteastes com as patas e beber a sujeira de vossos cascos. ²⁰Por isso, assim diz o Senhor Deus: Aqui estou, eu mesmo, para julgar entre a ovelha gorda e a ovelha magra. ²¹Porque empurrastes com os flancos e com as espáduas todas as ovelhas fracas, dando-lhes chifradas a ponto de dispersá-las para longe, ²²vou libertar minhas ovelhas e já não servirão para a pilhagem. Vou julgar entre uma ovelha e outra”.

O texto se divide em duas unidades: v. 17-19 e 20-22. A primeira parte ameaça com julgamento divino e acusa; a segunda parte é um oráculo de julgamento, aparentemente independente.

O texto que vamos comentar é a continuação do oráculo contra os pastores de Israel (Ez 34,1-15). Se nos v. 1-15 a preocupação era com o rebanho e os pastores, nos v. 17-22 o tema é a violência dentro do próprio rebanho. A denúncia se volta contra os animais fortes, que excluem os fracos da proteção exercida pelo pastor. Contra a violência dos animais fortes, o pastor procura fazer prevalecer a justiça, dando proteção aos animais mais fracos. Esta proteção é indicada pela palavra “julgar” (*sapat*), que ocorre nos v. 17,20 e 22.

Quem são os “carneiros” e os “bodes”? Além do sentido próprio, estes dois termos são usados em sentido figurado para indicar os ricos e poderosos, isto é, os líderes. Este é o sentido que encontramos em vários textos. Assim, em Is 14,9 os “bodes” (*attudîm*) são os poderosos ou magnatas. Em Ex 15,15 “carneiros” (*’êlîm*) é usado em paralelo com “chefes”. Em Ez 17,13 e 2Rs 24,15 *’êlîm* (carneiros) é usado para indicar os nobres ou líderes do país, levados para o exílio em 597. Em Ez 39,18 os he-

róis e príncipes mortos são comparados a carneiros e bodes. Em Jó 41,17 e Ez 32,21 *'êlîm* se refere a heróis ou guerreiros. Em nosso texto parece que “carneiros” e “bodes” tem algo a ver com a classe rica e poderosa levada para o exílio em 597, citados em 2Rs 24,15 e Ez 17,13.

A promessa divina de libertar o seu rebanho dos próprios líderes, os “maus pastores” (34,1-15), parece não ter resolvido todos os problemas da comunidade exílica. Os membros fracos continuam sendo vítimas dos mais fortes. Na imagem usada por Ezequiel, Deus proclama seu julgamento sobre “ovelhas”, carneiros e bodes (v. 17-19). A acusação é contra os animais que avançam sobre os pastos e a água e, quando satisfeitos, ainda sujam a água e pisoteiam o pasto que deveriam servir às outras ovelhas. Após a acusação segue o julgamento (v. 20). Seria de esperar que houvesse uma condenação dos animais mais fortes. Mas, em vez disso, se anuncia um juízo de separação entre animais “gordos” e animais “magros”, ambos no feminino. Uma nova motivação do juízo aparece agora. As ovelhas gordas são acusadas de falta de consideração para com as ovelhas fracas, que são empurradas e dispersadas a troco de chifradas (v. 21); parece tratar-se de uma alusão à situação do exílio (34,5-6). Contra esta desconsideração dos membros fortes da comunidade para com os mais fracos, Deus vai estabelecer a justiça. Não se trata, porém, da punição dos mais fortes, mas da libertação dos que até agora foram oprimidos. Antes Deus prometia resgatar suas ovelhas da boca dos maus pastores, que as devoravam (34,10). Agora promete libertá-las, não permitindo que sejam objetos de pilhagem e exclusão por parte dos membros mais fortes do mesmo rebanho (34,22). Como no livro dos juizes, onde o envio de um juiz significa libertação, aqui também “julgar” é sinônimo de libertar. O julgamento é para remover as causas que perturbam o relacionamento, estabelecendo a justiça e restaurando a paz. Como um pastor, Javé intervirá para resgatar o fraco do poder do forte e restabelecer a ordem na comunidade (v. 20).

A denúncia de Ezequiel é bem compreensível no contexto do exílio babilônico. Podemos admitir que a comunidade exílica, ao menos nos primeiros anos, vivia na carestia e na limitação de recursos. No meio de uma cultura diferente e adversa como a babilônica, surge a necessidade de os exilados se manterem solidários para preservar sua identidade, como um único rebanho bem unido. Entende-se, por isso, que no julgamento divino, os fortes (carneiros e bodes) não são simplesmente eliminados. A presença deles é necessária, como a dos carneiros e bodes num rebanho. Mas devem ser controlados para dar um espaço de vida aos mais fracos. Em outras palavras, a carestia e a limitação de recursos num contexto novo e adverso tornam-se ocasião para um novo aprendizado. Surge a necessidade de aprender a partilhar os recursos escassos, com justiça e equidade entre todos. Os profetas Jeremias e Ezequiel denunciaram as injustiças dos reis e dos poderosos em geral, praticadas contra os mais pobres, causa principal da desgraça que se abateu sobre a nação, provocando sua ruína. Urgia construir agora, no contexto do Exílio, um novo modo de convivência entre pequenos e grandes, baseado na justiça e na solidariedade. Ezequiel toma a defesa dos mais fracos, anunciando a ação libertadora de Javé em favor deles.

2. Continuando a refletir a partir de nossa realidade

A denúncia de Ezequiel contra os “carneiros e bodes”, que poluem a água e pisoteiam os alimentos das outras ovelhas, provoca uma reflexão de caráter ambiental. Cresce hoje a consciência de que formamos uma única comunidade humana cada vez mais globalizada. Por outro lado, temos uma consciência crescente de que o bem-estar da humanidade está ligado ao bem-estar de todos os seres vivos do planeta Terra. Se causarmos danos ao meio ambiente, seremos nós os humanos os primeiros atingidos pelas conseqüências. O bem-estar do meio ambiente é o nosso bem-estar. Mas a população mundial cresce e os recursos básicos que o planeta Terra oferece continuam sendo os mesmos. Sabemos hoje que não são ilimitados, como no passado se pensava. Hoje se fala, mais do que no passado, em uso sustentável dos bens de nosso planeta Terra. Mas a falta de solidariedade, a ganância consumista das nações desenvolvidas, a avidez dos ricos que avançam sobre os bens ainda disponíveis das nações mais pobres caminham na contramão desta nova consciência que desperta, provocando uma crescente marginalização dos empobrecidos e a degradação do meio ambiente. Os mais fracos de nossa sociedade são cada vez mais excluídos da participação dos bens básicos da existência; são “empurrados” sempre mais para fora da mesa da vida. Não se trata apenas de um descaso pela sobrevivência de outros seres humanos. Está em jogo a vida de todas as espécies de nosso planeta.

A agressão que provocamos contra a natureza prejudica e ameaça não somente a vida humana, mas a vida dos próprios ecossistemas que nos rodeiam. Poluímos dois elementos essenciais para a vida: a água e a alimentação. Vamos ocupar-nos apenas da questão da água, porque água poluída significa alimentação contaminada.

2.1. Escassez e poluição da água

Uma das questões que hoje mais nos preocupam é a escassez e poluição da água. Embora 70% da superfície do globo terrestre estejam cobertos por oceanos, apenas 2,4% da água do planeta Terra é doce, e mais de três quartos estão congelados, principalmente nos pólos. Apenas um centésimo de 1% da água total está facilmente disponível para o homem. O que torna nosso planeta habitável é a queda de 113 bilhões de metros cúbicos de água doce que chegam à terra a cada ano em forma de chuva ou de neve.¹ A quantidade de água no planeta Terra é sempre a mesma. Falando em termos globais, dizem os entendidos, não há escassez de água. Segundo a ONU, trata-se mais de uma questão de gerenciamento que de escassez de água. De fato, há cerca de 200 mil km³ de águas estocadas nos lagos e nos rios. Se não houvesse uma reposição pelo ciclo hidrológico, calcula-se que essa reserva de água daria para abastecer 5 a 6 bilhões de habitantes durante 30 a 40 anos, consumindo cerca de 1.000 m³/ano, considerado o padrão mínimo de consumo segundo as Nações Unidas. O problema está na distribuição muito desigual da água doce no planeta. O Brasil, por exemplo, detém 15%

1. JUREMA, Célia e VICTORINO, Aito. *Canibais da natureza*, p. 49-57.

das reservas de água doce do planeta, mas 70% deste total estão na Amazônia pouco habitada. As regiões Sul e Sudeste, que concentram a maior parte da população, das indústrias e fábricas, dispõem de apenas 12,5% dos nossos recursos hídricos. Em termos globais, cerca de 2 bilhões de pessoas em 80 países vivem em áreas que sofrem com a escassez crônica de água.

Mais grave do que a escassez de água, como nos advertem os cientistas, é a poluição da água potável, um bem indispensável para qualquer vida que conhecemos. Os dados disponíveis sobre a poluição da água são alarmantes. Na Rússia, por exemplo, o rio Volga e quase todos os outros rios estão contaminados por esgotos, efluentes industriais, pesticidas agrícolas, herbicidas e até despejos radioativos. O mar de Aral, na antiga União Soviética, considerado o maior mar interno, em razão de práticas de irrigação abusivas durante o regime comunista, está praticamente morto. Seu nível começou a cair a partir de 1960 e hoje não passa de um pequeno lago de águas altamente salinizadas, fadado a desaparecer nos próximos 20 anos, transformando-se um verdadeiro deserto de sal. É um triste exemplo, um alerta para a humanidade. “É uma prova definitiva da rapidez com que uma catástrofe ecológica pode acontecer e de como é difícil revertê-la, uma vez desencadeada”.² Em outras partes da Europa a situação também é preocupante. No rio Reno, apesar das campanhas de despoluição, as espécies naturais de peixes estão desaparecendo. Na República Tcheca um estudo descobriu que 3/4 de toda a água de superfície estavam seriamente poluídas. Na China, 80% dos 50.000 km dos principais rios do país estão de tal modo degradados, que os peixes simplesmente desapareceram. Índices semelhantes de poluição se constatam em outros rios da Ásia, como o Mekong, o Ganges e o Brahmaputra. As reservas de água doce dos Grandes Lagos da América estão tão poluídas que 97% dos seus 8.000 km de margens são impróprias para banhos, devido à presença de mercúrio, fosfatos, clordane, dioxinas e DDT. Chuvas ácidas, provocadas pela emissão de gases industriais tóxicos, na maioria óxido de enxofre ou de nitrogênio, emitidos pelos escapamentos de carros e pela queima de óleo nas usinas geradoras de energia elétrica, estão acabando com florestas; em consequência, muitos lagos na Região dos Lagos (USA) e na Escandinávia foram considerados biologicamente mortos. Na África, nada menos que 22 países não são capazes de fornecer água potável segura a, pelo menos, metade de sua população. Até as águas da bacia amazônica estão sendo contaminadas. Mais de 130 toneladas de mercúrio são despejadas a cada ano nas águas do rio Tapajós pela mineração de ouro. O Brasil é campeão continental de poluição, superado apenas pelo Leste Europeu e pela China. São notórias as contaminações dos rios Tietê (praticamente morto) e Paraíba do Sul e das águas costeiras em torno de São Paulo, Rio de Janeiro e Recife.

Em resumo, mais de um bilhão de pessoas no mundo não têm acesso a água limpa e mais de 2,9 bilhões não têm acesso a serviços de saneamento básico, fatores que causam um aumento da taxa de mortalidade por doenças infecciosas.³ De fato, 85%

2. VILLIERS, Marq de. *Água*, p. 162.

3. VILLIERS, Marq de. *Água*, p. 88-89.141-167.

das doenças humanas nos países pobres estão relacionados com a quantidade ou a qualidade da água.⁴

São dezenas de países e centenas de cidades que hoje sofrem a falta de água potável. Em breve, metade da população mundial não terá disponível a quantidade mínima de água considerada indispensável para a sobrevivência. Sabemos das causas: má distribuição, poluição dos mananciais, aumento de gases tóxicos na atmosfera, como dióxido de carbono, que altera o clima, provocando o aumento da temperatura global, o degelo das calotas polares, as enchentes e as secas. Acresce ainda o extermínio das florestas naturais, que altera o regime das chuvas e por sua vez provoca incêndios.

Alarmante é também a alteração do clima no planeta Terra. Em razão dos desmatamentos e da emissão dos gases de escapamentos de carros, de usinas termoelétricas à base de petróleo e do aquecimento domiciliar, a temperatura média do planeta está subindo. Já é visível o efeito estufa, que provoca o derretimento de geleiras (como se vê nos Alpes e na Cordilheira dos Andes), o degelo das calotas polares e a alteração do clima, causa enchentes catastróficas e secas não menos prejudiciais. Além do mais, o uso abusivo da irrigação em várias partes do mundo, que consome mais de 60% da água doce disponível, está provocando a salinização das terras e secando grandes aquíferos. Nos Estados Unidos, o grande aquífero de Ogallala, com uma área de 580.000 km², começou a ser explorado para a agricultura na década de 1930. Algumas previsões dizem que em 2020 estará completamente esgotado, pondo um fim para a agricultura de seis Estados.⁵

Seria bom se no Brasil tomássemos as devidas precauções para que a expansão agrícola extensiva (soja etc.), em detrimento da cobertura florestal, voltada, sobretudo, para a exportação, e uma política de reforma agrária míope e irresponsável não provocassem danos ambientais irreversíveis.

2.2. Educar para a responsabilidade, a solidariedade e a partilha dos bens

Para controlar os ímpetos poluidores e devastadores do ser humano não basta apenas multiplicar leis de caráter ambiental. Elas são bem-vindas e necessárias, tanto em nível nacional como internacional. É preciso, também, que nos eduquemos para um uso responsável e solidário dos bens deste mundo. Educar para o respeito em relação ao uso da água, ao controle das fontes de poluição, como a nossa indústria, a tecnologia agrícola, as fontes poluidoras de caráter urbano, como o esgoto, o lixo, o uso de combustíveis fósseis. Essa educação começa com a informação e a conscientização, e certamente provocará mudanças benéficas de atitudes e de comportamento.

Também em relação aos demais seres vivos, o ser humano exerce o papel dos “carneiros” e “bodes” da imagem usada por Ezequiel, para caracterizar a comunidade dos exilados na Babilônia. De fato, pela nossa cultura e tecnologia, pela nossa inteli-

4. PETRELLA, Ricardo. *O manifesto da água*, p. 88.

5. VILLIERS, Marq. de. *Água*, p. 220-224.

gência, somos os seres vivos mais fortes, os mais agressivos e os mais perigosos do planeta Terra para todos os outros seres vivos.

Hoje temos uma consciência maior de não sermos a principal criatura, nem a mais importante do planeta em termos de vida. Ao contrário, somos a última criatura que surgiu na evolução da vida no planeta. Em termos de vida em nosso planeta, nós humanos fomos os últimos a chegar. De fato, considerando que o universo tem cerca de 15 bilhões de anos e a terra cerca de 4,5 bilhões de anos, a presença do ser humano é bem mais recente, chegando talvez a 3 milhões de anos. “Se reduzirmos os 4,5 bilhões de anos de nosso planeta a um único dia, supondo que ele tenha surgido a 0 hora, então a vida nasce por volta das 5 horas da manhã e se desenvolve durante todo o dia. É somente por volta das 20 horas que surgem os primeiros moluscos. Depois, às 23 horas, os dinossauros, que desaparecem às 23h40, deixando campo livre para a rápida evolução dos mamíferos. Nossos ancestrais só surgem nos cinco últimos minutos antes das 24 horas e vêem seu cérebro dobrar de volume no último minuto. A revolução industrial não começou senão após um centésimo de segundo”.⁶ No entanto, em vez de sermos o coroamento do universo, constituímos a maior ameaça aos demais seres vivos. No dizer de Thomas Berry⁷, “se houvesse um parlamento ou tribunal das criaturas, talvez sua primeira decisão seria votarem pela expulsão das criaturas humanas por serem uma presença por demais mortífera”.

No contexto da evolução das espécies, somos aquela que chegou a uma consciência maior e mais desenvolvida. Essa consciência nos deu a capacidade de criarmos cultura e tecnologia capazes de agir e interferir na natureza de modo transformador. O ser humano age e interage na natureza através da tecnologia. Constrói novos ambientes ecológicos, que são as cidades, muitas vezes pouco propícias ao desenvolvimento normal da vida. Constrói barragens nos rios, edifica moradias, modifica agressivamente o meio ambiente. Abate florestas, que viram cinza, para transformá-las em pastagens e monoculturas extensivas, provocando a erosão e a esterilidade da terra. Fazemos tudo isso, muitas vezes sem prestar atenção aos direitos de vida e dignidade de nossos semelhantes, nem dar atenção às outras espécies vivas. “Empurramos” e expulsamos outras espécies vivas de seus ambientes ecológicos, “damos chifradas” e exterminamos milhares de espécies vivas.

Pensando bem, o ser humano é comparável aos animais mais fortes, que marginalizam e exterminam os seres vivos mais fracos. Avançamos avidamente sobre os bens deste mundo, como os animais gordos mencionados por Ezequiel, que expulsam os mais fracos.

Como seres mais fortes, que se dizem criados à imagem e semelhança de Deus, temos que, urgentemente, assumir a tarefa de juizes libertadores. Isto é, devemos usar nossa inteligência, nossa tecnologia e nossa ciência para preservar e promover a vida de to-

6. ROSNAY, Joel de. *A mais bela história do mundo*, p. 49.101-111; SAHTOURIS, Elisabet. *A dança da Terra*, p. 147.

7. BERRY, Thomas. *O sonho da Terra*, p. 212.

das as espécies vivas. Devemos preservar a vida das pessoas mais fracas, bem como a vida de todos os outros seres vivos ameaçados pela avidez e ganância humanas.

2.3. *Aprender da natureza*

A ciência nos mostra hoje que Charles Darwin estava errado ao defender a evolução das espécies através do mecanismo da competição. Na base de sua teoria evolucionista, Darwin colocou a luta pela vida. Segundo este princípio, em cada espécie animal existe uma permanente concorrência entre os indivíduos. Assim, somente os mais fortes e mais aptos conseguem sobreviver e a própria natureza se incumbem de proceder a essa seleção natural. Portanto, a vida teria se desenvolvido na Terra, porque os mais fortes triunfaram e eliminaram os mais fracos. Ao contrário, hoje se sabe que a natureza é solidária, de modo que as criaturas precisam umas das outras, estão a serviço umas das outras para sobreviverem. A bióloga Elisabet Sahtouris chega a dizer que, se o ser humano não mudar seu comportamento, se não aprender da natureza a ser solidário, poderá desaparecer como espécie viva. Temos que aprender dos animais, que não acumulam. Aliás, todas as espécies tomam como seu alimento só o que é necessário. Somente a mais nova, a humana, toma mais do que necessita, destruindo, sem motivo, outras espécies inteiras e ecossistemas no processo, e matando e eliminando pela fome grandes números de sua própria espécie, ao mesmo tempo em que acusa o resto da natureza de crueldade.⁸ Se continuarmos no atual caminho, nosso planeta ficará melhor sem nós. A morte de nossa espécie, por suicídio ou por extinção, poderá realmente ser melhor para a saúde da Gaia, a Mãe Terra. Temos que aprender da natureza que não trabalha para o lucro, mas para o equilíbrio. Ela é econômica, nada desperdiça e tudo recicla. A reciclagem é o segredo da criatividade interminável da vida. Os seres humanos não podem dirigir por muito mais tempo a economia do lucro à custa da economia planetária. A natureza – diz Elisabet Sahtouris – nos ensina que a evolução depende de competição e co-dependência, de independência e interdependência. Se a independência e a competição são importantes para a sobrevivência do indivíduo, a cooperação e a interdependência são indispensáveis para a sobrevivência grupal, social ou da espécie. Quanto mais cedo aprendermos do modelo cooperativo da natureza tanto mais cedo completaremos, por opção e esforço próprio, uma evolução sadia.⁹

Infelizmente, com o consumo intenso de petróleo e carvão estamos liberando na atmosfera o dióxido de carbono, que a natureza sabiamente estocou em suas entranhas ao longo de milhões de anos. Simultaneamente estamos queimando as florestas e extinguindo a flora dos oceanos pela poluição química, que poderiam absolver este dióxido de carbono. Com isso provocamos o efeito estufa. A Gaia, que é um organismo vivo, poderá reagir de duas formas. Pode esfriar, porque o nível de dióxido de carbono está chegando próximo do que precedeu as eras glaciais. Ou, mais provável, a Gaia pode esquentar de tal forma, que a vida humana no planeta se tornará impossível, fa-

8. SAHTOURIS, Elisabet. *A dança da Terra*, p. 255.

9. SAHTOURIS, Elisabet. *A dança da Terra*, p. 227-255.

zendo desaparecer boa parte dos organismos vivos. Mas a Gaia, isto é nosso planeta Terra, enquanto organismo vivo, irá se recuperar ao longo dos séculos, embora, talvez sem a presença humana.¹⁰

2.4. “Preserve o que é de todos”*

O tema da Campanha da Fraternidade de 2004 é “Fraternidade e água”, com o lema “Água, fonte de vida”. Esta iniciativa da Igreja vem se somar a outras igualmente importantes da sociedade civil e dos governos. Por exemplo, um dos temas considerados estratégicos previstos no Documento-base preparado para a Conferência Nacional do Meio Ambiente é a gestão dos recursos hídricos. O Conselho Nacional de Recursos Hídricos (CNRH), por sua vez, já definiu doze regiões hidrográficas no Brasil. Cada região hidrográfica deverá se organizar em Comitês de Bacia. A legislação prevê a criação de Comitês de Bacia que ultrapassam os limites geográficos de Estados e municípios. É a água que define hoje as regiões e microrregiões geográficas. A questão do uso da água começa, portanto, a criar uma nova mentalidade. A água de uma bacia pluvial, que a população usa a montante de um rio deve ter condições de ser usada depois pelas populações que vivem a jusante do mesmo rio.

Voltemos ao texto de Ez 34,17-22, onde o profeta denuncia os bodes e os carneiros que sujam a água e poluem os alimentos dos animais mais fracos. Nesse texto, a intervenção divina prevê a salvaguarda do direito à vida dos mais fracos, controlando o abuso dos mais fortes. Hoje Deus confia a nós, sociedade civil e governo, a tarefa de julgar, isto é, de controlar os abusos no uso da água para preservar o direito de todos ao seu uso. Os Comitês de Bacia, representados em partes iguais pelo governo, pelos empresários e pela sociedade civil, deverão criar mecanismos e leis que controlem os abusos e preservem os direitos do uso da água para todos. Assim, a água utilizada pela população que vive rio acima (a montante) estará em condições de ser usada pela população que vive mais abaixo (a jusante).

Na questão do uso dos bens que a natureza, criada por Deus, generosamente nos oferece, em especial da água, deveríamos adotar algumas regras domésticas básicas: “Tome apenas a sua parte, deixe a casa limpa, e mantenha a casa consertada para os outros”.¹¹

3. Tarefa dos intérpretes da Bíblia

Segundo alguns ecologistas, nossa interpretação da Bíblia, especificamente de Gn 1,26-28, onde se afirma que o ser humano recebeu de Deus a tarefa de dominar e subjugar as outras criaturas, foi a maior responsável pelos abusos ambientais. A cultu-

* Era o tema da CF-1979.

10. SAHTOURIS, Elisabet. *A dança da Terra*, p. 68-69.

11. Veja o belo artigo de McFAGUE, Sallie. O mundo como corpo de Deus. *Concilium*, n. 295, 2002/2, p. 55-62, especialmente p. 58.

ra e a civilização ocidental cristã teriam provocado, pela industrialização e pela tecnologia, os maiores danos ao meio ambiente.¹²

Seria, por isso, bom, se os intérpretes da Bíblia acordassem para a tarefa imensa de interpretar a Bíblia com uma preocupação constante de defesa da dignidade e direitos de todos os seres humanos, sobretudo dos mais fracos. Devemos despertar a consciência que nós humanos fazemos parte de um todo na vida do planeta Terra. Nossa preocupação deveria ser a de educar as novas gerações através da Palavra de Deus, para um respeito reverente por todos os seres vivos. É preciso criar a consciência que, como imagem e semelhança do Criador, somos apenas uma parte das inúmeras criaturas com as quais convivemos. No meio delas temos uma tarefa fundamental: cuidar deste jardim, que é o nosso planeta, e zelar pelo bem-estar de todos os outros seres vivos.

Para que servirá toda a nossa ciência e interpretação da Bíblia se não nos ajudar a cuidar da Mãe Terra e de tudo que nela vive, como cuidamos de nossa casa e de nosso jardim?

Ludovico Garmus
Instituto Teológico Franciscano
R. Coronel Veiga, 550
25655-150 Petrópolis, RJ

Bibliografia

- BLOCK, Daniel I. *The Book of Ezekiel, Chapters 25-48*. Grand Rapids/Michigan: Cambridge, 1998.
- ZIMMERLI, Walther. *Ezekiel 2. A Commentary on the Book of the Prophet Ezekiel, Chapters 25-48*. Philadelphia: Fortress Press.
- SAHTOURIS, Elisabet. *A dança da Terra. Sistemas vivos em evolução: uma nova visão da biologia*. Coleção Tendências do milênio. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1998.
- VILLIERS, Marq de. *Água. Como o uso deste precioso recurso natural poderá acarretar a mais séria crise do século XXI*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- JUREMA, Célia & VICTORINO, Aito. *Canibais da natureza. Educação ambiental, limites e qualidade de vida*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PETRELLA, Ricardo. *O manifesto da água. Argumentos para um contrato mundial*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ROSNAY, Joël de – REEVES, Hubert – COPPENS, Yves – SIMONET, Dominique. *A mais bela história do mundo. Os segredos de nossas origens*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- Campanha da Fraternidade 2004. Fraternidade e Água – Água, fonte de vida. Texto-base, versão I, disponível na Internet.

12. Veja a acusação em GARMUS, Ludovico. Fundamentos bíblicos de uma ética ecológica. In: *Estudos Bíblicos*, n. 77, 2003, p. 9-10.